

PALAVRAS DA SIG*

Rosana de Marchi Steffen

Neste espaço coube-me a responsabilidade de “dar voz” a SIG, isto é, traduzir em palavras o significado desse momento na vida institucional. Espero poder representar o pensamento dos colegas.

Aniversários são datas importantes e festivas porque marcam tempos da vida de alguém. Amanhã comemoramos 150 anos do nascimento de Freud, mas será que uma estória começa com o nascimento? Penso que não, assim como não acaba com a morte.

A obra de Freud está intimamente entremeada com as vicissitudes de seu tempo e ele mostrou ter coragem e visão para desacomodar as idéias vigentes ao falar de sexualidade e apontar para a existência de um estranho familiar que se impõe e dirige a nossa vida – algo além do conhecido, desalojando assim o homem de suas certezas. Era um olhar para o singular, para o particular, rompendo com a causalidade linear das ciências naturais.

Essa nova maneira de ver a subjetividade frutificou num legado precioso, num método que tem auxiliado as pessoas a viverem melhor. Aos poucos, ano após ano a nova ciência foi se constituindo como um saber e ganhando interlocutores na comunidade científica.

Desde cedo Freud teve uma clara noção da herança que deixara, tanto que em maio de 1911, nas correspondências diz: “creio ter começado algo que ocupará a mente dos homens durante muito tempo”, e em 1914 na História do Movimento Psicanalítico, reafirma que seu trabalho “pertencia dali por diante, àqueles que perturbariam o sono do mundo”- o que efetivamente se deu.

Penso que uma história não inicia com o nascimento também porque estamos aqui para fazê-lo renascer – não para repeti-lo, senão para buscar inspiração nessa maneira inquieta de viver, na busca de escapar da comodidade, do questionar-se, do abandono das certezas. Talvez até fazer como alguns peixes que precisam nadar contra a correnteza para poder desovar e continuar preservando a espécie.

Vivemos outros tempos, nem melhores, nem piores, mas outros tempos: da cultura do narcisismo, da virtualidade, onde as imagens predominam sobre a imaginação, das relações descartáveis e “líquidas” de Z. Bauman, da globalização massificante que anula as diferenças. E o pensamento psicanalítico, como agente e produto desse tempo necessita, também, se desalojar.

Não é sem motivo que, como psicanalistas precisamos nos juntar em espaços de produção como este, para dar conta de nosso mal estar decorrente do contato íntimo com as dores e mazelas do mundo.

Vivo a SIG também desde o seu nascimento, já participei e ajudei a organizar vários eventos e jornadas científicas e a partir dessas vivências constato com orgulho que sempre fomos uma instituição preocupada com essa busca de atualização. O trabalho com o sujeito do inconsciente e com sua atemporalidade não nos impede de olhar para o contexto cultural em que nos inserimos: analisando, analisando, instituição... E é por essa razão que nossa atividade de hoje pretende articular esses dois tempos. Tempos que sabemos não corresponder ao passar dos anos, pois o que os une são pontos e teias de significado promovidos pelos encontros ao longo da vida, sejam eles encontros analíticos, científicos, amorosos.

Sabemos que as relações entre o intrapsíquico e o interpessoal que resultam na cultura, são complexas e intermináveis, por isso, é com especial satisfação que recebemos como nosso convidado, o Dr. Marcelo Viñar – um dos expoentes da psicanálise na América Latina – para dialogar conosco e através da sua experiência nos auxiliar a transitar por esse difícil tema.

Nosso convidado tem apontado para esse desafio, bem como para a questão de que estaremos condenados à alienação se não nos ocuparmos dele, uma vez que somos ao mesmo tempo agentes e observadores dessa história social.

Precisamos articular esses dois tempos, buscar na herança freudiana, elementos que nos auxiliem a “inventar” novas formas, uma vez que é diante de uma realidade e a partir de uma ética e de uma referência que interpretamos o mundo e ocupamos um lugar em relação a um grupo ou a grupos diferentes do nosso.

Perguntamo-nos então:

- O que pode e até onde pode o nosso método, no sentido de contribuir para “dar a palavra” ao indivíduo?
- O quanto a psicanálise pode auxiliar na compreensão dos fenômenos sociais?
- E compreender altera os fatos?
- Além de compreender, pode ser fonte de ações nesse sentido?
- É possível uma psicanálise extramuros, sem que se percam seus fundamentos?
- A diversidade social marca o sujeito fazendo-o perder o estatuto de sujeito do desejo?

- Ou será que a injustiça social impede que a subjetividade floresça?
- A urgência e mobilidade desses tempos nos obrigam a rever nossos conceitos e práticas. Até onde dialogamos com outras ciências, ou nos encerramos em refúgios teóricos?

Diante de tantas inquietações, só me resta dizer: seja bem vindo dr. Marcela Viñar!

** Texto introdutório à conferência do Dr. Marcelo Viñar na XII Jornada da SIG – 150 Anos com Freud: O descobrimento freudiano frente às mudanças culturais na atualidade*